

Compreensão acerca da educação popular: perspectivas e práticas de professores em uma unidade socioeducativa da Paraíba

Thaís Farias de Almeida¹, Ivonaldo Neres Leite²

Resumo

Neste trabalho, apresentamos parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado mais ampla. A investigação se situou no âmbito temático das drogas sob a perspectiva da educação popular, tendo como campo empírico o Lar do Garoto, uma unidade socioeducativa localizada no município de Lagoa Seca, Paraíba. Metodologicamente, tratou-se de uma pesquisa qualitativa operacionalizada a partir da realização de observações assistemáticas no Lar do Garoto e por meio de entrevistas semiestruturadas com docentes da Escola dessa instituição. O material empírico oriundo das entrevistas foi escrutinado conforme os procedimentos da Análise Temática de Braun e Clarke (2006). Entre outros achados, identificamos que os professores não possuem conhecimento sistematizado a respeito da educação popular, porém, desenvolvem ações que se aproximam de seus postulados. Conclusivamente, destacamos a necessidade do oferecimento de formação continuada aos professores da instituição pesquisada, para que as abordagens da educação popular sejam efetivamente desenvolvidas no referido contexto.

Palavras-chave

Adolescentes. Drogas. Educação popular. Socioeducação.

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil; membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Sociedade e Culturas (GEPEDUSC/CNPq). E-mail: thaïsfalmeida3@gmail.com.

² Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Porto, Portugal; estágio pós-doutoral na Universidad de la República, Uruguai; professor da Universidade Federal da Paraíba, campus IV, Brasil. E-mail: ivonaldo.leite@gmail.com.

Understanding of popular education: perspectives and practices of teachers in a socio-educational unit in State of Paraíba, Brasil

Thaís Farias de Almeida³, Ivonaldo Neres Leite⁴

Abstract

In this paper we present part of the results of a master's research. The research was developed in the thematic field of drugs from the perspective of popular education, having as an empirical field the Boy's Home, a socio-educational unit located in the municipality of Lagoa Seca, State of Paraíba, Brasil. Methodologically, it has been a qualitative research developed through unsystematic observations in the Boy's Home and through semi-structured interviews with teachers from the School of that institution. The empirical material from the interviews was analyzed according to the Thematic Analysis procedures of Braun and Clarke (2006). Among other findings, we identified that teachers do not have systematized knowledge about popular education, but they develop actions that are close to their postulates. As a conclusion, we highlight, for example, the need to offer continuous formation to the teachers of the investigated institution, so that the approaches of popular education can be effectively developed in said context.

Keywords

Teenagers. Drugs. Popular education. Socioeducation.

³ PhD student in Education, Federal University of Paraíba, State of Paraíba, Brazil; member of the Study and Research Group on Education, Society and Cultures (GEPEDUSC/CNPq). E-mail: thaisfalmeyda3@gmail.com.

⁴ PhD in Education Sciences, University of Porto, Portugal; post-doctoral internship at the Universidad de la República, Uruguay; professor at the Federal University of Paraíba, campus IV, State of Paraíba, Brazil. E-mail: ivonaldo.leite@gmail.com.

Introdução

O presente trabalho tem o propósito de analisar parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a qual partiu do seguinte objetivo: analisar como a questão das drogas tem sido abordada no contexto escolar dos adolescentes em situação de privação de liberdade no Centro Socioeducativo Lar do Garoto, localizado na zona rural do município de Lagoa Seca, estado da Paraíba.

O Lar do Garoto faz parte da Rede de Atendimento da Política Socioeducativa do meio fechado no estado da Paraíba, atendendo adolescentes e jovens do sexo masculino, na faixa etária dos 12 aos 21 anos e oriundos de 81 municípios da Paraíba (Paraíba, 2019). Para a realização da pesquisa, contamos com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Centro de Ciências Médicas da UFPB (Parecer nº 5.255.702, de 22 de fevereiro de 2022).

De modo mais específico, a pesquisa teve como foco a Escola Cidadã Integral Socioeducativa (ECIS), responsável pelo atendimento escolar dos adolescentes no próprio Lar do Garoto, que conta com um coordenador pedagógico e 18 professores. Desse universo, efetuamos entrevistas semiestruturadas com o coordenador pedagógico da ECIS, tendo em vista a importância da função dele no referido contexto, como também com sete docentes que declararam ter uma maior proximidade com a temática das drogas e/ou que já abordaram o assunto na sala de aula.

A ECIS foi implementada entre 2017 e 2018, após a ocorrência de uma “rebelião”, que vitimou sete adolescentes e chamou a atenção das autoridades para a situação de descaso que se encontrava a unidade. A partir da tragédia, a instalação da escola se configurou como uma das principais medidas para promover a reestruturação do Lar do Garoto e buscar assegurar o sistema de direitos estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Cabe destacar que o Lar do Garoto possui uma preponderante quantidade de adolescentes que vivem em situação de vulnerabilidade social, sendo as famílias dos socioeducandos, em sua maioria, pertencentes às classes populares. Em muitos casos, é necessário o acompanhamento do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) ou do Serviço de Atendimento ao Egresso (SAE) para garantir que o adolescente frequente regularmente a escola ao sair da unidade, tenha acompanhamento psicossocial e, em

situações específicas, seja incluído no Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte (PPCAAM).

A investigação se orientou pela perspectiva da pesquisa qualitativa, em razão dessa abordagem permitir uma interação com a subjetividade dos sujeitos e oferecer maior liberdade teórico-metodológica ao pesquisador, possibilitando-lhe a compreensão de grupos de indivíduos ou situações sociais, a fim de alcançar a essência dos fenômenos humanos (Minayo; Deslandes; Gomes, 2009).

Na operacionalização dos procedimentos metodológicos, utilizamos a técnica de Análise Temática do tipo reflexiva (Braun; Clarke, 2006), por avaliarmos que seria mais flexível e analiticamente mais apropriada para o tratamento do material empírico. Na ocasião da análise, os entrevistados foram identificados como E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7 e E8. E1, E2, E3, E4 e E8 atuam na ECIS do Lar do Garoto há cinco anos, enquanto E5 e E6 atuam há três anos, e E7 há dois anos.

As entrevistas foram procedidas com o prévio consentimento dos participantes, que receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), fizeram a leitura do Termo e o assinaram, oportunidade em que reforçamos a questão do sigilo de suas identidades. Conforme a devida autorização de cada entrevistado, as entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas, totalizando a quantidade de 93 páginas.

No decorrer das entrevistas, entre outras perguntas, realizamos os seguintes questionamentos aos professores: Qual a sua visão a respeito da educação popular? Tem conhecimento sobre suas abordagens ou já ouviu falar? Diante das respostas obtidas, desenvolvemos as análises que constroem o segundo tópico deste artigo. Inicialmente, para situar o leitor em relação aos fundamentos da educação popular, passaremos a discussão das suas dimensões conceituais e históricas.

Dimensões conceituais e históricas da educação popular

Ainda que não exista um conceito universal acerca da educação popular, ela circunda os países da América Latina, sendo uma das tradições pedagógicas mais originais nascidas na respectiva região desde o surgimento de movimentos sociais, revolucionários e políticos, como as lutas de independência, o anarquismo, o socialismo, as resistências às ditaduras e as transições para a democracia a partir das mobilizações cidadãs (Mota Neto; Streck, 2019; Jara, 2020).

Segundo Agustín Cano (2012), a educação popular abarca três dimensões: política, pedagógica e ético-metodológica. Política, uma vez que existe a crítica em relação à neutralidade dos processos educativos; pedagógica, pois tanto o processo de libertação como o de consciência se constituem em um processo pedagógico, por meio do qual os conhecimentos são construídos a partir do diálogo entre teoria e prática; ético-metodológica, considerando que precisa existir uma coerência entre os meios e os fins a serem alcançados, bem como entre os objetivos e os métodos utilizados, isto é, as ações empreendidas devem ser coerentes com o propósito que se pretende atingir.

Portanto, pode-se compreender a educação popular como uma prática social, no campo do conhecimento, que almeja contribuir para uma nova sociedade que responda aos interesses das classes populares (Leite, 2021), por meio de “processos político-pedagógicos ou pedagógico-políticos que se promovem desde uma perspectiva ética emancipatória e transformadora”, os quais se reinventam conforme os desafios de cada contexto e momento histórico (Jara, 2020, p. 189).

A educação popular tem origem desde as lutas de independência dos países latino-americanos, sendo figuras de destaque o escritor e professor Simón Rodríguez (1769-1854) e o filósofo e político José Martí (1854-1895), os quais evidenciaram uma educação pensada para as pessoas da América Latina e distinta da europeia, chamada por Rodríguez de “popular” (Silva, 2020).

No Brasil, a educação popular surgiu entre o final do século 19 e o início do século 20, período marcado pela imigração dos trabalhadores europeus para trabalhar nas lavouras de café e, depois, nas atividades industriais (Leite, 2022). A partir de então, aparece uma população proletária no país, o que levou a uma predisposição para a militância política e sindical, logo mais consubstanciada pelas concepções anarquistas⁵ (Ghiraldelli Júnior, 1986).

De acordo com Ghiraldelli Júnior (1986), os programas do movimento anarcossindicalista atuavam na questão do ensino técnico-profissional, no ensino laico e na extensão do ensino básico gratuito por meio de escolas operárias e de investimentos no âmbito cultural, tendo em vista que o analfabetismo entre os trabalhadores dificultava o avanço das ideias revolucionárias (Leite, 2022).

Os anarquistas viam a educação como “a porta da revolução”, principalmente para retirar a concentração de poder da Igreja e do Estado (IBIDEM), pois, devido ao processo de

⁵ Os anarquistas almejavam “uma revolução individual, de tomada de consciência de cada um e apropriação não do poder estatal, doutrinário, mas da responsabilidade sobre si e do cuidado com o outro, com o público e, portanto, coletivo” (Feltrin, 2017, p. 69).

colonização realizado por Portugal, a educação brasileira foi inicialmente marcada pela presença dos jesuítas, cujos interesses estavam ligados à Igreja Católica. Sendo assim, por muito tempo, houve a prática de um ensino concentrado no catecismo, com a utilização de uma política educativa de propagação da fé e da obediência, de maneira a estabelecer a cultura portuguesa no Brasil (Olinda, 2003).

As primeiras experiências de educação popular em âmbito nacional ocorreram a partir da Pedagogia Libertária dos anarquistas, que possuíam o objetivo de educar politicamente a classe operária. Mais adiante, apesar das adversidades constantes na Era Vargas (1930-1945) e nos anos seguintes, as organizações anarquistas continuaram suas atividades, com ressalvas de algumas intercorrências, como, por exemplo, na ditadura civil-militar (1964-1985) (Leite, 2022).

O período que compreende a ditadura civil-militar abarcou o fechamento dos Centros Populares de Cultura e do Congresso Nacional⁶, extinguindo os partidos políticos e impondo censura, silenciamento e supressão de direitos. Devido à intensa repressão, que levou à prisão e à tortura de membros dos movimentos libertários, os encontros aconteceram de maneira clandestina. Principalmente com o Ato Institucional nº 5 (AI-5), de 1968, se encerrou o funcionamento do Centro de Cultura Social de São Paulo, um dos espaços de concentração dos libertários, que foi reaberto apenas em 1985 e está em atividade até o presente.

Além do legado anarquista, os movimentos sociais e intelectuais das décadas de 1950 e 1960 tiveram influência no desenvolvimento da educação popular no Brasil. Vale ressaltar, inicialmente, o Movimento de Cultura Popular (MCP), constituído em 1960 na cidade de Recife, Pernambuco. Eram seus integrantes estudantes universitários, artistas e intelectuais, que atuavam juntamente à prefeitura da época, chefiada por Miguel Arraes. As atividades eram voltadas para ações socioculturais, conscientização da população e alfabetização de adultos, tendo sido extintas com o golpe civil-militar de 1964 (Leite, 2018).

No referido período e na década de 1970, tanto no Brasil quanto em outros países latino-americanos, como Venezuela, Argentina e Peru, destaca-se o método do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, o qual se baseia em experiências envolvendo manifestações da cultura popular

⁶ No período que compreende a ditadura civil-militar (de 1964 a 1985), o Congresso Nacional foi fechado por três vezes: em 20 de outubro de 1966, sob o argumento de “conter um agrupamento de elementos contrarrevolucionários que tinha se formado no Legislativo com a finalidade de tumultuar a paz pública”; em 13 de dezembro de 1968 em razão do AI-5, decretado para “combater a subversão e as ideologias contrárias” ao regime; e em 1977, quando o general Ernesto Geisel determinou uma série de medidas para ter maior domínio e controle sobre o Parlamento, cassando mandatos, mantendo as eleições indiretas para governadores e estabelecendo que um terço dos senadores deveriam ser escolhidos pelo próprio Congresso (Câmara dos Deputados, 2018).

para promover conscientização sociopolítica por meio da arte, tornando o teatro mais próximo das classes populares e rompendo a visão elitista da época. No Teatro do Oprimido, o espectador se transforma em protagonista da ação dramática, passando de um ser “passivo, recipiente, depositário” para um “sujeito criador, transformador”, capaz não só de “refletir sobre o passado” e “interpretar a realidade”, mas “preparar o futuro” (Alochio, 2016, p. 297).

A epistemologia de Paulo Freire e suas práticas de alfabetização também foram importantes experiências no âmbito da educação popular, em que a reflexão crítica acerca da realidade dos educandos visava ampliar o sentido político das práticas educacionais (Haddad; di Pierro, 2021). Assim, conforme Haddad e Di Pierro (2021, p. 4), Freire trouxe importantes fundamentos, como:

[...] a educação de adultos compreendida como uma prática social escolar e não escolar; o imperativo ético da promoção da alfabetização e da escolarização de jovens e adultos, contrapondo-se ao caráter assistencial que lhe era atribuído à época e que ainda permanece aqui e ali nos tempos atuais; a responsabilidade do poder público pela oferta dessa escolarização, reconhecendo a dimensão do direito à educação escolar em qualquer etapa do ciclo de vida; a participação dos atores sociais como elemento fundamental para a construção da democracia em sociedades autoritárias como a nossa; e o diálogo e o respeito pelo conhecimento do outro como constitutivos dos processos de ensino e aprendizagem.

Outro fator relevante no desenvolvimento da educação popular foi a criação do Movimento de Educação de Base (MEB) em 1961 pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que utilizou a perspectiva de Paulo Freire para realizar um programa de alfabetização e educação de base por meio de escolas radiofônicas, o qual contava com o apoio do governo federal e de emissoras católicas (Fávero, 2010). Em razão do seu vínculo com a Igreja Católica, o MEB conseguiu continuar as atividades durante a ditadura civil-militar, adequando-as aos condicionamentos do novo contexto (Leite, 2018).

No estado da Paraíba, a Campanha de Educação Popular (CEPLAR) integrou a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, incorporada ao MEB. Esse importante movimento de educação popular, surgido no início da década de 1960, desenvolveu práticas político-educativas a partir das bases epistemológicas de Paulo Freire, objetivando uma educação mais crítica e transformadora (Marinho, 2017).

Mais uma fonte da educação popular no Brasil foi o Centro Popular de Cultura (CPC), fundado em 1962 pela União Nacional dos Estudantes, que trouxe a arte voltada para a cultura popular com fins educativos. Dessa forma, o CPC atuou nas campanhas de alfabetização,

objetivando lutar pela transformação da realidade brasileira. Assim como o MCP, o CPC foi extinto pelo regime ditatorial de 1964 (Viana, 2021).

A partir dos marcos conceituais e históricos da educação popular, observa-se um núcleo programático que a torna distinta da educação formal convencional, com “premissas metodológicas (conhecer a realidade), cognitivas (produzir conhecimentos), políticas (intervenção na realidade, transformação social) e de sociabilidade (busca de novas formas de relações humanas)” (Leite, 2018, p. 13).

Entretanto, o conceito, a práxis e a filosofia da educação popular ainda não costumam ser reconhecidos da maneira correta pela sociedade e, até mesmo, por educadores inseridos em escolas do meio popular. Inclusive, em muitos ambientes escolares, vemos cartazes com frases de Paulo Freire, um dos nomes de referência da educação popular, sendo expostos por pessoas que desconhecem teoricamente a sua base epistemológica.

Dito isso, por meio de entrevistas semiestruturadas, questionamos oito docentes que atuam na ECIS do Lar do Garoto a respeito das suas percepções acerca da educação popular e se já ouviram falar das abordagens dela. A seguir, passaremos a discutir os resultados da análise das narrativas dos entrevistados.

Compreensões acerca da educação popular

Na análise das entrevistas semiestruturadas, inicialmente, encontramos na fala de E1 que a educação popular (EP) seria uma educação básica, “para que todos tivessem acesso”. De modo semelhante, E3 afirmou que a EP seria “a universalização da educação”, a oferta de uma educação de qualidade para todas as pessoas, independentemente da classe social a que pertencem e na qual estão localizadas, seja na área urbana ou rural. Nesse sentido, E3 complementa: “as leis são universais, mas as práticas não [...] É essencial popularizar. ‘Tá’, uma coisa que devia ser popularizada, é a educação, porque é essencial”.

Por conseguinte, E7 entende a EP como uma educação voltada aos “interesses da população” e mais próxima a ela, sendo “menos rebuscada” e mais ligada ao cotidiano das pessoas: “educação popular talvez seja mais voltado aos interesses da população menos, menos... científico, não no sentido da validade da informação, mas menos rebuscado [...]”. E8 também apresentou um ponto de vista parecido em sua fala, ao afirmar que a EP seria para se “falar mais informalmente da educação”.

Semelhante à E1 e E3, podemos inferir das falas de E7 e E8 que o termo “popular” é frequentemente associado à população, ao povo, ao modo de vida e ao cotidiano dele. Contudo,

E3 destacou que algumas pessoas tendem a remeter o nome “popular” a algo de qualidade inferior, porém, na sua visão, a expressão “educação popular” está relacionada à “popularização da educação”, ou seja, a educação que todos devem ter acesso.

As perspectivas trazidas acima relembram que, quando se falava em “educação popular”, se entendia “educação pública”, juntamente com a ideia de que ela não deveria ser um privilégio da burguesia, mas um direito de toda a população (Jara, 2020). Isso porque, antes da abordagem contemporânea da EP, havia a compreensão dela como uma educação “feita para o povo” ou “própria do povo”, que visava o combate ao analfabetismo.

Todavia, o movimento da EP, que emerge nos anos 1960 passa a se preocupar não apenas com a alfabetização do grande contingente de analfabetos que existia no Brasil – uma vez que o direito ao voto estava condicionado à alfabetização –, mas com a participação política da população, sendo a educação vista como um instrumento de conscientização e libertação para ser efetivado (Silva; Cruz; Falcão, 2019). Portanto, a EP surgiu como um ato de resistência, objetivando romper a reprodução ideológica dominante, e assim continua sendo.

Em partes, os entrevistados ainda expressaram entender o que seria a EP, mesmo que de forma intuitiva e sem compreensão teórica. Ressalta-se que E7, em um primeiro momento, se referiu corretamente quando mencionou sobre a EP ser uma educação “voltada aos interesses da população” e “mais ligada ao cotidiano das pessoas”, ou seja, a entrevistada conseguiu perceber que a EP tem como ponto de partida os interesses e o contexto dos sujeitos.

Contudo, cabe destacar acerca das falas de E7 e E8, que definem a EP como algo “menos rebuscado” e “informal”, mas que, na realidade, ela consiste em uma concepção educativa com suas próprias práticas, conceituações e metodologias (Silva, 2020). Isso nos faz questionar por que os entrevistados possuem essa visão e, por exemplo, se ela decorre devido à expressão “popular” ser frequentemente associada à população pobre e que possui pouca ou nenhuma instrução, ou, inclusive, se esse entendimento é reflexo da histórica invisibilização que a EP sofre em torno dos debates no campo da educação.

Sob outra perspectiva, E2 comentou que a EP está vinculada ao “senso comum”, ou seja, “o conhecimento passado de geração ‘pra’ geração, que se difunde na sociedade”. De maneira similar, E5 entende que a EP abarca “os saberes das pessoas [...], dos populares, como um processo de formação”. Já E6 mencionou acerca do “conhecimento de mundo”, vendo a educação popular como uma educação trazida “da rua”.

Nesse contexto, vemos que a EP é confundida com o saber popular, o senso comum e o conhecimento de mundo. Apesar do equívoco na percepção dos entrevistados, os elementos apresentados por eles não se dissociam da EP, pois ela promove a interação entre o “saber

científico” e o “saber do senso comum”, na medida em que só podemos enriquecer o “conhecimento científico” quando apreendemos o “conhecimento do senso comum”, o qual está relacionado de uma certa forma ao saber popular.

Assim, a essência da EP é educar, partindo dos interesses e das inquietações dos sujeitos, colocando-os na posição de seres históricos e considerando as experiências, as subjetividades e os conhecimentos que foram adquiridos ao longo da existência de cada um por meio da sua interação com os outros. Por isso, tanto o saber popular como o saber científico são relevantes, visto que ambos podem dialogar e se complementar, desde que de forma crítica.

Prosseguindo com a análise do material empírico, verificamos percepções que relacionam a EP à profissão docente. Como declarou E4, a EP seria uma vivência com as classes populares, tendo o educador conhecimento dos problemas que os educandos possuem, principalmente no âmbito familiar. Para E4, “a educação tem que ir mais além”, devendo o professor assumir o compromisso de “formar cidadãos melhores”, se preocupar com o próximo e “beneficiar a sociedade”.

Nesse sentido, E3 afirmou que a EP ocorre na prática quando o professor associa o contexto social dos estudantes ao processo de ensino-aprendizagem para que eles possam assimilar mais facilmente o conteúdo, utilizando uma linguagem que faça parte do cotidiano deles, por exemplo. Entretanto, E3 declarou que “nunca ouviu falar” da educação popular, não tendo, portanto, conhecimento sobre ela e suas abordagens.

Não obstante, foi possível perceber que E3 utiliza estratégias inseridas no universo da EP em sua metodologia de trabalho com os adolescentes, afirmando que no Lar do Garoto existem práticas de educação popular:

A educação popular justamente é o que a gente faz aqui, porque não tem como a gente chegar com linguagem científica [...]. Então, o possível que a gente faz aqui de fazer com que eles associem o contexto real com o contexto educacional é mais fácil. Então, falar na linguagem deles, mostrar coisas que eles têm no dia a dia [...] a educação popular eu acho que é justamente a gente fazer com que eles entendam o contexto educacional a partir do contexto social onde eles estão inseridos [...] Por isso, eu trabalho a aula inteira com analogia e as analogias ‘é’ o mundão onde eles ‘tão’ inseridos, porque eles entendem [...].

De forma similar, E4 afirmou que talvez já tenha “feito a educação popular”, mesmo sem possuir conhecimentos teóricos a respeito dela: “Talvez até já tenho feito ela, né [...] essa educação que você fala aí, que eu não sei sobre ela, vou até dar uma olhada, mas eu acho que é

mais ou menos isso tudo que eu falei, essa vivência, né [...]”. Além disso, E4 enfatizou a importância de o professor associar os conteúdos da escola ao contexto de vida dos estudantes:

Por exemplo, será que os adolescentes iam gostar de Carlos Drummond de Andrade? Né? José de Alencar. Não, não iria, gente, isso não iria atrair eles, é a mesma coisa de eu chegar aqui no Cariri e trabalhar com maçã e uva. Os caras iam dizer, não dá não, aqui não, aqui a gente só planta palma, planta macaxeira. Então, você tem que colocar uma coisa que seja do meio deles, do meio deles, né, e isso se torna atrativo.

No âmbito da pesquisa, foi possível observar que os docentes buscam compreender o contexto de origem dos socioeducandos para desenvolver práticas educativas mais participativas e que favoreçam a aprendizagem. Por exemplo, ao tratar da temática das drogas, E3 realizou um tipo de levantamento de quais drogas os adolescentes mais usavam para poder abordá-las, o que mostra que o contexto de origem dos socioeducandos foi levado em consideração no planejamento das aulas acerca do tema, partindo da realidade vivenciada por eles para realizar as discussões.

A propósito, E3 chegou a destacar que utiliza gírias para se comunicar melhor com os adolescentes e promover mais engajamento na sala de aula:

Então, a gente tem que chegar na linguagem deles [...]. Uma linguagem bem coloquial, bem... assim, possível, a ideia de falar de gírias também é muito importante no contexto. Dizer “e aí, como é na sua quebrada?”, “fala aí na sua boca”, entendeu? [...] Do jeito que eles entendem, entendeu? Então, “fala aí como é lá nas suas quebrada aí questão de droga” “Oxe, professora, é na real, todo mundo usa”. Entendeu? Então, a gente vai entrar, a gente vai fazer uma imersão no contexto social deles [...] Eu vou dizer ‘ó, aqui é papo reto, ‘tá’? Vou entrar no pote de vocês’. Entendeu? ‘Bote isso no pote, guarde no pote’”.

Ao abordar a temática acerca das drogas, os professores usam documentários, filmes, textos, músicas e vídeos, por exemplo, com histórias de vida de pessoas famosas ou músicos do universo dos adolescentes que deixaram de fazer um uso problemático de drogas. Inclusive, E4 e E6, professores de Língua Portuguesa, utilizam esses recursos como estratégia metodológica para trabalhar alguns conteúdos da referida disciplina, como a interpretação de texto e a gramática:

E4: [...] eu uso a música, o *hip hop*, essas músicas assim que eles gostam, e nela eu trabalho a interpretação de texto, trabalho os verbos, a gramática, tudo isso. Pronto, tem uma banda que eles gostam muito, que é um grupo de *hip*

hop, que é NSC, Neurônios SubConsciente [...]. Então, como eu gosto desse som também, aí eu mostro a parte da interpretação e mostro o que é que esse cantor quer passar ‘pra’ eles [...].

E6: [...] eu trabalho muitos textos, gêneros textuais, e aí eu trago histórias reais, músicas, né, alguns *rappers*, que têm as letras da música que falam de reabilitação, então eles gostam muito [...] Eu comecei pela música, né, porque eles sempre me pedem, eles gostam muito de ouvir *rap* [...] eu peguei ‘pra’ trabalhar a própria interpretação de texto.

É importante ressaltar que, no âmbito da EP, o professor atua como um mediador para que, a partir da sua prática pedagógica, contribua para a formação crítica do sujeito. Com isso, as práticas da EP têm a finalidade de romper a hierarquia educacional e a educação bancária, que acontece quando o professor se considera o detentor de todo o saber e visualiza o aluno apenas como um “banco”, no qual ele deposita seus conhecimentos.

Para tanto, Paulo Freire (1989, p. 9) afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Dessa forma, a ação educativa deve apresentar um significado para os educandos, tendo como ponto de partida seus interesses e o contexto em que estão inseridos. Nesse sentido, por meio da análise das entrevistas, foi possível perceber que os docentes da ECIS do Lar do Garoto, de maneira incipiente, colocam em prática alguns dos princípios da EP.

Assim, no cotidiano escolar, a abordagem de temáticas como a das drogas, bem como a utilização das músicas de *rap* e o emprego de uma linguagem de fácil compreensão, inclusive com o uso de gírias faladas pelos adolescentes, são estratégias que se aproximam da EP na prática, apesar de os professores não a conhecerem teoricamente.

Considerações finais

No presente trabalho, apresentamos parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado desenvolvida no Centro Socioeducativo Lar do Garoto, uma unidade socioeducativa localizada na zona rural do município de Lagoa Seca, estado da Paraíba. A partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com oito docentes da escola em funcionamento na referida instituição, a Escola Cidadã Integral Socioeducativa (ECIS), buscamos analisar suas percepções e práticas referentes à EP.

Por meio da análise do material empírico, pudemos perceber marcas da herança histórica que se tem em relação à EP como uma educação voltada apenas para o povo, especialmente para os mais pobres. No entanto, vale ressaltar a importância de romper essa concepção equivocada. Afinal, ao considerarmos o contexto da pesquisa em questão, percebemos que a

EP é um princípio fundamental e indispensável na construção de práticas educativas que objetivam a emancipação e a autonomia dos adolescentes, fazendo com que se enxerguem como seres capazes de transformar a realidade e o mundo no qual estão inseridos.

Por outro lado, foi possível identificar, em algumas práticas, que os professores buscam compreender o contexto de origem dos adolescentes para tornar o processo de aprendizagem mais interessante e atrativo. Como exemplos, podemos citar o uso das gírias, o emprego de uma linguagem coloquial e a utilização das músicas de *rap* na abordagem de determinados conteúdos no cotidiano escolar.

Nesse contexto, em sentido contrário à negação da cultura e dos saberes das classes populares, o diálogo entre educador e educando evidencia a natureza política da profissão docente, sendo os “processos político-pedagógicos” ou “pedagógico-políticos”, como diz Jara (2020), elementos basilares da EP. Assim, a escola não se limita ao aspecto formal da escolaridade, mas é (re)descoberta como um espaço preenchido de opções políticas, em que o profissional da educação atua diretamente na transformação de vidas (Freire; Nogueira, 1993).

Não obstante verificarmos elementos da EP em determinadas práticas descritas pelos docentes, observamos que eles não possuem conhecimento sistematizado sobre ela. Dessa forma, as abordagens são realizadas de maneira incipiente. Por isso, a fim de que a EP se concretize no contexto da ECIS do Lar do Garoto, é necessário o oferecimento de formações continuadas para os professores conhecerem as especificidades dela e sua importância no processo de formação educativa e política das classes populares, principalmente tendo em conta o público atendido pela instituição.

Referências

ALOCHIO, T. O. Dimensões socioeducativas do Teatro do Oprimido: cultura, teatro e educação populares. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 41, n. 2, p. 287-304, 2016. DOI 10.5216/ia.v41i2.40762. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/40762>. Acesso em: 21 nov. 2022.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. DOI 10.1191/1478088706qp063oa. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 21 nov. 2022.

CANO, A. La metodología de taller en los procesos de educación popular. **Revista Latinoamericana de Metodología de las Ciencias Sociales**, Ensenada, v. 2, n. 2, p. 22-51, 2012. Disponível em: <https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/library?a=d&c=arti&d=Jpr5653>. Acesso em: 21 nov. 2022.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Parlamento brasileiro foi fechado ou dissolvido 18 vezes.** Câmara dos Deputados, Brasília, 27 set. 2018. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/545319-parlamento-brasileiro-foi-fechado-ou-dissolvido-18-vezes/>. Acesso em: 21 nov. 2022.

FÁVERO, O. Movimento de Educação de Base - MEB. **Gestrado UFMG**, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <https://gestrado.net.br/verbetes/movimento-de-educacao-de-base-meb/>. Acesso em: 21 nov. 2022.

FELTRIN, T. **Educação popular no Brasil: forças que concorrem para a emergência da escola nacional.** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/13429>. Acesso em: 21 nov. 2022.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, P.; NOGUEIRA, A. **Que fazer: teoria e prática em educação popular.** Petrópolis: Vozes, 1993.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. Movimento operário e educação popular na Primeira República. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 57, p. 30-38, 1986. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1335>. Acesso em: 21 nov. 2022.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. Considerações sobre educação popular e escolarização de adultos no pensamento e na práxis de Paulo Freire. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 42, 2021. DOI 10.1590/ES.255872. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/547HdKHkhSXggqYNnRxX8Qjr>. Acesso em: 21 nov. 2022.

JARA, O. **A educação popular latino-americana: história e fundamentos éticos, políticos e pedagógicos.** São Paulo: Ação Educativa: CEAAL: ENFOC, 2020.

LEITE, I. La Educación Popular, Paulo Freire y la “muerte” de la dialéctica. **Rebelión**, 8 jul. 2021. Disponível em: <https://rebelion.org/la-educacion-popular-paulo-freire-y-la-muerte-de-la-dialectica/>. Acesso em: 7 dez. 2021.

LEITE, I. O conhecimento nas margens, *outsiders* e a educação popular desafiada: uma abordagem sobre as drogas e o trabalho socioeducativo. **Polêm!ca**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 1-22, 2018. DOI 10.12957/polemica.2018.45069. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/45069>. Acesso em: 21 nov. 2022.

LEITE, I. O insubmisso fio sócio-histórico autogestionário: o lugar da educação popular libertária na história brasileira. **Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 22, n. 234, p. 97-109, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/60533>. Acesso em: 21 nov. 2022.

MARINHO, D. G. A. **Vozes de uma história interdita: a educação popular e os direitos humanos na práxis da CEPLAR 1960-1964.** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em:

https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12999?locale=pt_BR. Acesso em: 22 nov. 2022.

MINAYO, M. C. S. (org.); DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOTA NETO, J. C.; STRECK, D. Fontes da educação popular na América Latina: contribuições para uma genealogia de um pensar pedagógico decolonial. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 35, n. 78, p. 207-223, 2019. DOI 10.1590/0104-4060.65353. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/Y3SNBNzjzkW9QxCQLp7PW6b/?lang=pt>. Acesso em: 22 nov. 2022.

OLINDA, S. R. M. A educação no Brasil no Período Colonial: um olhar sobre as origens para compreender o presente. **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 29, p. 153-162, 2003. DOI 10.13102/sitientibus.vi29.8702. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/sitientibus/article/view/8702>. Acesso em: 22 nov. 2022.

PARAÍBA. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano. Fundação de Atendimento Socioeducativo “Alice de Almeida” (FUNDAC). **Projeto Político-Pedagógico**: Centro Educacional Socioeducativo “Lar do Garoto Pe. Otávio Santos”. Lagoa Seca, 2019. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/indiretas/fundac/arquivos/05-ppp-lar-do-garoto-ls-1.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2022.

SILVA, I. G.; CRUZ, P. J. S. C.; FALCÃO, E. F. Educação popular e prevenção ao uso abusivo de álcool e outras drogas: tecendo algumas aproximações. **Temas em Educação**, João Pessoa, v. 28, n. 1, p. 247-261, 2019. DOI 10.22478/ufpb.2359-7003.2019v28n1.44577. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/44577>. Acesso em: 22 nov. 2022.

SILVA, I. G. **As drogas no contexto da educação popular**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18386?locale=pt_BR. Acesso em: 22 nov. 2022.

VIANA, M. L. D. O CPC da UNE e o debate sobre educação e cultura popular no Brasil. **Revista Binacional Brasil-Argentina**, Vitória da Conquista, v. 10, n. 1, p. 246-269, 2021. DOI 10.22481/rbba.v10i01.8793. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rbba/article/view/8793>. Acesso em: 22 nov. 2022.

Submetido em 26 de abril de 2023.

Aprovado em 5 de julho de 2023.

Apêndice A

Resultados da Análise Temática do material empírico – Categoria: Compreensões sobre a educação popular

Código	Extrato	Categoria
E1	<i>Ouviu falar</i> - Eu já ouvi falar, só que no momento não estou recordando [...]. Acredito que a educação popular, do meu ponto de vista do senso comum, seria uma educação é... básica , para que todos tivessem acesso .	Compreensão sobre a educação popular
E2	<i>Ouviu falar</i> - Muito pouco [...] Eu acredito que a educação popular ela se vincula muito ao senso comum [...] que é o conhecimento passado de geração pra geração, que se difunde na sociedade , mas isso é o que eu acho, né, não sei se eu tô equivocado.	
E3	[...] a gente tem que chegar na linguagem deles [...]. Uma linguagem bem coloquial, bem... assim, possível, a ideia de falar de gírias também é muito importante no contexto. Dizer “e aí, como é na sua quebrada?”, “fala aí na sua boca”, entendeu? [...] Do jeito que eles entendem, entendeu? Então, “fala aí como é lá nas suas quebrada aí questão de droga” “Oxe, professora, é na real, todo mundo usa”. Entendeu? Então, a gente vai entrar, a gente vai fazer uma imersão no contexto social deles. [...] A educação popular justamente é o que a gente faz aqui, porque não tem como a gente chegar com linguagem científica [...]. Então, o possível que a gente faz aqui de fazer com que eles associem o contexto real com o contexto educacional é mais fácil. Então, falar na linguagem deles, mostrar coisas que ele tem no dia a dia [...] a educação popular eu acho que é justamente a gente fazer com que eles entendam o contexto educacional a partir do contexto social onde eles estão inseridos [...]. Por isso eu trabalho a aula inteira com analogia e as analogias é o mundão onde eles tão inseridos, porque eles entendem [...] <i>Ouviu falar</i> - Nunca nesta vida [...] Seria a universalização da educação . As leis são universais, mas as práticas não [...]. É essencial popularizar. Tá, uma coisa que devia ser popularizada é a educação, porque é essencial. [...] A educação popular deixa todo mundo no mesmo patamar, uma pessoa de fácil acesso vai ter a mesma educação de uma pessoa que tá lá no finalzinho, onde Judas perdeu as botas [...] Só um salve aí, popular não quer dizer de baixa qualidade, certo. Uma educação popular não é uma educação mais baixa, inferior, do que uma educação de, de... é... menos popular. Popularização quer dizer que você vai chegar com essa educação de qualidade para pessoas que não tinham esse acesso , tendeu? Porque muitas vezes... o valor das coisas, monetário, está muito ligado ao valor afetivo, sentimental, o valor que você dá pra elas. Então, se a educação é popular, eles tendem a pensar em popular como inferior, cê tá entendendo?	
E4	[...] eu uso a música, o <i>hip hop</i> , essas músicas assim que eles gostam, e nela eu trabalho a interpretação de texto, trabalho os	

	<p>verbos, a gramática, tudo isso [...] Pronto, tem uma banda que eles gostam muito, que é um grupo de <i>hip hop</i>, que é NSC, Neurônios SubConsciente [...] Então, como eu gosto desse som também, aí eu mostro a parte da interpretação e mostro o que é que esse cantor quer passar pra eles [...] Então, a gente começa a adaptar, no meu caso, eu fiz o que. Por exemplo, será que os adolescentes iam gostar de Carlos Drummond de Andrade? Né? José de Alencar. Não, não iria gente, isso não iria atrair eles, é a mesma coisa de eu chegar aqui no Cariri e trabalhar com maça e uva. Os caras iam dizer, não dá não, aqui não, aqui a gente só planta palma, planta macaxeira. Então, você tem que colocar uma coisa que seja do meio deles, do meio deles, né, e isso se torna atrativo. Por que eles querem assistir minha aula? Eles sempre querem assistir minha aula por causa disso, porque eu coloco coisa que são do contexto deles. Agora, claro, desmistificando pra eles entenderem, saber que dentro da música não é apologia à droga, nem de droga fala, né. Incentivar, fazer com que eles saiam da vida do crime, mostrar que eles são capazes, ou seja, são letras de superação, né, que falam sobre superação. <i>Ouviu falar</i> - Não, nunca ouvi, não. Talvez até já tenho feito ela, né (risos) [...] essa educação que você fala aí, que eu não sei sobre ela, vou até dar uma olhada, mas eu acho que é mais ou menos isso tudo que eu falei, essa vivência, né [...] a vivência, os problemas que eles têm em casa, acho que a educação tem que ir mais além [...] eu tenho que ter esse compromisso de formar cidadãos melhores, né. É beneficiar a sociedade [...] é preciso ter questão de consciência, e de preocupação de você ter com o próximo, né.</p>	
E5	<p>[...] eu falo abertamente, do jeito, da forma que seja mais compreensível possível da parte deles [...] <i>Ouviu falar</i> - Não, não, acho que não [...]. Pode ser duas coisas, né? Educação popular da população, e educação popular os saberes das pessoas, né, dos populares, como um processo de... de formação.</p>	
E6	<p>[...] a gente tem que pensar primeiro como vai trabalhar com eles, aí por isso que eu pensei nas músicas [...]. No meu caso, eu trouxe isso, porque eu acho que é a linguagem que eles entendem [...] <i>Ouviu falar</i> - Não, é novo pra mim [...]. Não sei se é a educação que a gente traz da rua, de casa, é o conhecimento de mundo, né? De cada um [...] a educação popular eu também não acho que seja a que eles trazem de dentro de casa, é algo que seja da rua, né? [...]. Eu penso também alguma coisa do tipo de regras e disciplinas que a população quer impor pras outras pessoas? Tipo... Essa onda que a gente vê de patriotismo, tal, nesse governo desses últimos anos, como se quisesse que a população seguisse daquela mesma maneira [...].</p>	
E7	<p><i>Ouviu falar</i> - Não, nunca ouvi falar nesse termo [...]. Educação popular talvez seja mais voltado aos interesses da população menos, menos... científico, não no sentido da validade da informação, mas menos rebuscado, e mais do cotidiano das pessoas [...] aproximar mais a educação da população.</p>	

E8	<i>Ouviu falar</i> - Já ouvi falar [...]. Eu acho que é pra falar mais informalmente da educação [...] eu nunca li assim muito sobre a educação popular, não.	
----	--	--